



## ANÁLISE DA CADEIA DA CARNE BOVINA DO MERCOSUL

Pedro Rocha Marques<sup>1</sup>, Eduardo Antunes Dias<sup>2</sup>, Rubia Branco Lopes<sup>3</sup>,  
Clandio Ruviaro<sup>4</sup> e Júlio Otavio Jardim Barcellos<sup>5</sup>

---

### Considerações Iniciais

Atualmente é uma realidade a tendência internacional do aumento da produção e demanda por alimentos e outros produtos agrícolas. As projeções mais recentes do *International Food Policy Research Institute's (IFPRI's) International Model for Policy Analysis of Agricultural Commodities and Trade (IMPACT)*, estabelece um crescimento na produção global de cereais em 56% entre os anos de 1997 e 2050 e na pecuária em 90%. Os países em desenvolvimento serão responsáveis por 93% do crescimento da demanda de cereais e 85% do aumento da demanda por carnes até 2050.

A elevação da renda e a rápida urbanização são os principais fatores em direção ao incremento na demanda por *commodities* de maior valor agregado,

---

1-Med.Vet., M.Sc., PPG-Zootecnia – NESPRO/UFRGS.

2- Med.Vet., Ph.D., Pos-Doc PNP/CAPE – CEPAN/UFRGS.

3- Acad. Eng. Agron., Bolsista Pibic/CNPq – NESPRO/UFRGS.

4- Zoot., M.Sc., PPG-Agronegócios – CEPAN/UFRGS.

5- Med.Vet., Ph.D., Prof. Dep. Zootecnia – NESPRO/UFRGS. Pesquisador do CNPq. [julio.barcellos@ufrgs.br](mailto:julio.barcellos@ufrgs.br) – Porto Alegre – RS – BRASIL.

tais como carnes, frutas e vegetais. O comércio internacional de produtos agrícolas aumentará substancialmente, sendo que as importações de cereais dos países em desenvolvimento dobrarão em 2025 e triplicarão em 2050 (Rosegrant e Cline, 2003).

Este cenário otimista para os países em desenvolvimento com capacidade de produzir alimentos despertou o interesse em desenvolver uma análise integrada das cadeias de carne bovina do MERCOSUL. Nesse sentido, foi avaliada a cadeia da carne bovina do bloco, identificando as potencialidades e limitações para a competitividade de cada um dos países. Além disso, foram abordadas sugestões de melhorias nas relações entre os elos de cada cadeia, bem como intra bloco, visando fortalecimento do mesmo.

O texto está estruturado da seguinte forma: panorama das políticas econômicas dos países do MERCOSUL, insumos, produção, indústria frigorífica, varejo e considerações finais.

### **Panorama das políticas econômicas dos países do MERCOSUL**

Nesta seção é discutido o impacto da política econômica de cada um dos países sobre o estímulo ou não à cadeia da carne bovina, influenciando no volume e valor das exportações geradas por esses países. A grande maioria dos governantes dos países do MERCOSUL está estimulando a exportação de alimentos, entre eles, a carne bovina. No entanto, ainda existem países localizados no bloco que apresentam uma visão contrária a exportação de carne bovina como geradora de divisas para o país. Desse modo, há uma dividir esta seção em países exportadores de carne e países consumidores de carne.

Entre os países exportadores pode-se mencionar em ordem de importância, Brasil, Uruguai e Paraguai. No Brasil, a cadeia da carne bovina apresentou o grande crescimento das exportações em volume de 371% e

faturamento de 480,08%, entre os anos 2000 a 2006 (NEVES & CASTRO, 2007). No entanto, o país possui um mercado interno muito aquecido e que consome cerca de 80% da produção de carne bovina do país (Tabela 1). O principal desafio para a cadeia da carne bovina brasileira é demonstrar para o mercado internacional que é possível produzir carne bovina de maneira sustentável, intensificando a produção sem influenciar os recursos ambientais.

TABELA 1. Indicadores de desempenho dos países do Mercosul

| País      | Rebanho     | Produção  | Exportação | Relação Exportação: produção (%) | US\$/ton exportada |
|-----------|-------------|-----------|------------|----------------------------------|--------------------|
| Brasil    | 176.610.943 | 7.777.505 | 1.700.000  | 21,8%                            | 3.948              |
| Uruguai   | 11.774.000  | 540.000   | 360.000    | 66,6%                            | 2.487              |
| Paraguai  | 10.600.000  | 258.000   | 230.000    | 89,0%                            | 3.590              |
| Argentina | 49.656.000  | 2.800.000 | 419.337    | 14,9%                            | 3.941              |

Fonte: Anualpec 2010. Ano base 2009.

Nos últimos anos o Uruguai estabilizou o seu estoque bovino devido aos bons índices produtivos, o que permitiu uma taxa de desfrute anual sustentável de 20-21%. Com a população estabilizada, o país concentra as atividades nas exportações de carne, que representam 70-75% do total produzido (INAC, 2010). A crise financeira mundial de 2008 provocou uma redução nas exportações, refletindo as dificuldades comerciais do momento e a queda no número de animais abatidos. Entretanto, a melhora do poder aquisitivo interno e a abertura de mercados como a Venezuela, União Européia e Rússia sustentaram o setor. A maior preocupação deste país é com a manutenção do seu estoque bovino, já que a demanda mundial por carne continua alta, e o Uruguai vem apresentando taxa de abate de fêmeas elevadas (em torno de 55%), o que pode sinalizar redução da oferta de carne no médio prazo.

O Paraguai apresentou um grande crescimento das suas exportações de carne bovina entre os anos 2004-2008, representado por uma elevação de

241,59% no volume exportado. Além disso, o consumo de carne bovina do Paraguai está entre os mais baixos do MERCOSUL (38kg/hab/ano), superando apenas o Brasil (36 kg/hab/ano), o que explica o perfil exportador que este país apresenta (Pedretti, 2004). O cenário político e econômico para o Paraguai é favorável, embora o seu desafio seja melhorar os índices zootécnicos visando a elevação da produtividade da atividade.

Nos últimos quarenta anos a Argentina perdeu espaço no cenário mundial como importante produtor e exportador de carne bovina motivado, em parte, por políticas públicas equivocadas para o setor. Em 2003, os consumidores argentinos tiveram uma melhora no seu poder aquisitivo com reflexos diretos na demanda por carne no mercado interno. Neste contexto, o preço deste produto subiu e conseqüentemente o governo adotou uma política de controle de preços e estabeleceu um peso limite para o abate visando manter o abastecimento interno (Rearte, 2010). Essas medidas desestimularam a cadeia produtiva da carne bovina devido ao baixo preço e a queda nas exportações, levando a uma diminuição na oferta e a uma descapitalização do estoque bovino de todo país. Atualmente a Argentina está focada na retomada das exportações com manutenção do consumo interno.

Em 1992 o Chile promulgou a Lei da Carne (Lei 19.162) com base em uma política comercial, em uma política zoosanitária e uma política industrial, que impactou profundamente o desenvolvimento da cadeia da carne bovina neste país. O acordo mais relevante gerado por esta lei foi a complementação econômica com o MERCOSUL que tornou o país o maior importador de carne desossada dos países do bloco como o Brasil, a Argentina e o Uruguai, causando assim uma redução na produção interna e nos preços. Por outro lado, a lei 19.162 promoveu a regulamentação da indústria da carne por meio da implantação de padrões de qualidade, tornando-a mais competitiva (Dresdner, 2004). O próximo desafio para o Chile será preparar-se para uma maior competitividade de preços quando os países membros do bloco forem declarados livres de febre aftosa, o que permitirá a importação de gado em pé,

principalmente de regiões produtoras argentinas que estão mais próximas de Santiago do que as regiões produtoras de carne bovina no Chile.

### **Insumos**

O setor de insumos está na base da cadeia, interagindo com produtores, entre eles pode-se mencionar fertilizantes, máquinas, e implementos, sementes, rações animais, agroquímicos, fármacos e sistemas de gerenciamento informatizado (Tellechea, 2001). Estas empresas, além de venderem produtos, passam a perceber os problemas de gerenciamento enfrentados pelos produtores e também fornecem atividades de gerência. (Zylberstajn e Neves, 2000).

Há cerca de 10 anos atrás a concorrência entre as empresas de insumos ocorria somente pela redução no preço dos produtos. Atualmente, estas mesmas empresas conquistam o cliente pelo seu serviço pós-venda, fidelizando-o por meio do grau de satisfação após a aquisição do produto. O crescimento desse elo da cadeia da carne bovina está diretamente relacionado ao preço de comercialização do boi gordo, quando os preços são favoráveis (ciclos de alta), a demanda pelos serviços das empresas de insumos é crescente. Contudo, quando o ciclo é de baixa nos preços, os pecuaristas investem o mínimo possível apresentando uma demanda enfraquecida para este elo.

As empresas de insumos localizadas no MERCOSUL apresentam uma dinâmica de funcionamento muito semelhante nos países pertencentes ao bloco, pois na sua grande maioria são multinacionais e possuem políticas comerciais bem definidas.

### **Produção**

Nos últimos dez anos, ocorreu um crescimento expressivo na economia dos países asiáticos e países pertencentes ao BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), com uma forte influência nos preços agrícolas no mercado

internacional. Paralelo a isso, problemas relacionados à segurança dos alimentos, particularmente na Europa, determinaram uma queda considerável no consumo de carne bovina, com uma repercussão na queda dos preços globais até 2007. A substituição para a carne de frango foi imediata. Estes dois fenômenos contribuíram fortemente para a maior demanda de proteína vegetal e o aumento do preço da soja.

Como resultado, ocorreu uma valorização dos preços da maioria dos cereais e oleaginosas no mundo, inclusive no MERCOSUL. Nesta nova onda a agricultura ressuscitou e foi rapidamente constatado um redirecionamento na ocupação do solo. Terras da pecuária foram para agricultura. Este fenômeno gerou a redistribuição do rebanho bovino e marginalização da pecuária de cria, uma vez que a pecuária de corte está atualmente depositada em áreas não agricultáveis (BARCELLOS et al.,2004). Exemplificando esta situação, pode-se mencionar a transferência do rebanho bovino da região do Pampa úmido da Argentina para a Região Nordeste do país, no Brasil a transferência da região Centro Oeste para a Região Norte, no Paraguai a pecuária transferiu-se da região do Oriental para a Região Ocidental. Desse modo, a redistribuição do rebanho bovino no MERCOSUL ocorreu devido a elevação nos preços dos grãos, em especial a soja, e esta valorização obrigou a transferência da pecuária para áreas marginais, bem como a expansão para as chamadas novas fronteiras agrícolas.

No entanto, após a crise financeira mundial de 2008, a demanda por proteínas de origem animal no mercado internacional voltou a elevar-se no final do ano de 2009, estimulada principalmente pelo crescimento da China, que apresenta a perspectiva de elevação no consumo de carne bovina de 3 a 5% nos próximos dez anos. Este cenário favorável para a produção de carne bovina posiciona o MERCOSUL como o ator principal no mercado mundial de carnes, devido a sua elevada quantidade de água potável em relação a sua população (Figura 1). Essa vantagem competitiva irá estimular a instalação de novas empresas nos diferentes países do Bloco.

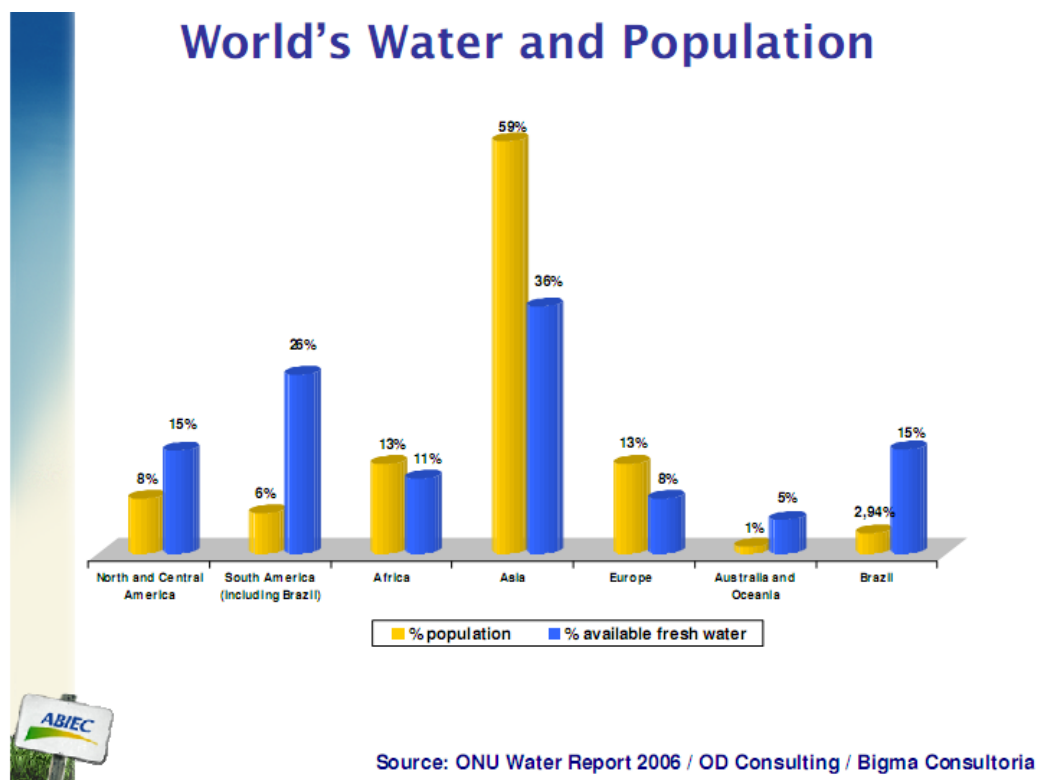


Figura 1. Relação da quantidade de água potável em relação a população nos diferentes continentes do mundo.

Entretanto, para que o MERCOSUL confirme as perspectivas favoráveis é fundamental que vise à sustentabilidade dos sistemas de produção. A sustentabilidade pode ser atingida através da intensificação dos sistemas de produção, e para que este processo realmente ocorra é necessária a elevação dos Índices produtivos das fazendas, como se observa na tabela 2. Elevar a utilização da gestão e do melhoramento genético auxiliará nesse processo de intensificação visando a sustentabilidade em todos os países do bloco. Além disso, a formação de novas associações de produtores e a busca de estratégias de mercados que visem atender as mais recentes exigências dos consumidores fortalecerá a cadeia produtiva da carne bovina nos distintos países deste bloco econômico. Esse fortalecimento virá com um maior fluxo de informações e de troca de tecnologias entre pecuaristas, bem como com a valorização do produto final por meio de marca forte que atenda requisitos de

qualidade e de segurança alimentar, garantindo assim maiores rendimentos na base da cadeia.

Na tabela 2 destaca-se a elevada margem para melhorias nos indicadores produtivos da pecuária de corte em todos os países do MERCOSUL, demonstrando que este bloco ainda apresenta um potencial de crescimento na sua capacidade de produção de carne bovina sem a necessidade de uso de novas áreas. Além disso, destaca-se a amplitude apresentada em cada um dos indicadores produtivos dentro de cada país, demonstrando que existe uma heterogeneidade no nível de intensificação dos sistemas de produção de acordo entre a região de cada país.

Tabela 2. Principais Indicadores Produtivos dos países do MERCOSUL.

| <b>País</b> | <b>Taxa de prenhez (%)</b> | <b>Lotação (UA/ha)</b> | <b>Mortalidade (%)</b> | <b>Taxa Desfrute (%)</b> | <b>Idade Abate Machos (meses)</b> |
|-------------|----------------------------|------------------------|------------------------|--------------------------|-----------------------------------|
| Brasil      | 64,0                       | 0,90                   | 4,0                    | 12,0                     | 14-48                             |
| Uruguai     | 73,0                       | 0,69                   | 2,6                    | 21,2                     | 24-36                             |
| Paraguai    | 55,0                       | 1,8-3,0                | 0,5 – 3,0              | 21,6                     | 36-60                             |
| Argentina   | 65,0                       | 0,5-2,5                | 2,0-7,0                | 25,0                     | 12-48                             |

Fonte: INAC, INTA, Anualpec, IICA, 2010.

### **Frigorífico**

Nos últimos anos a indústria frigorífica vem diversificando a sua matriz produtiva para aumentar o seu poder de negociação com as grandes redes de varejo. Um grande exemplo disso são os dois maiores frigoríficos do MERCOSUL, JBS e Marfrig, que anteriormente eram especializados somente na produção de carne bovina e nos últimos anos estão atuando na produção de carnes de frango, suínos e aves. Desse modo, os frigoríficos passaram a ser produtores de proteínas e não somente de carne bovina, sendo importante a compreensão de que o mundo da carne bovina está diretamente interligado e



relacionado com os mercados da carne suína e aves, sendo o contrário também verdadeiro (Marques & Barcellos, 2010).

A internacionalização dos frigoríficos brasileiros vem contribuindo para a padronização dos processos de produção de carne bovina no MERCOSUL. No entanto, existem países que estão mais avançados nesse quesito, entre eles pode-se mencionar o Uruguai, que apresenta rastreabilidade total da indústria frigorífica. Este sistema de rastreabilidade contribui diretamente para eliminação da assimetria de informações entre os produtores e o frigorífico, pois apresenta todas os dados de abate disponíveis para que qualquer produtor possa consultar com total transparência.

Nos demais países do MERCOSUL os frigoríficos estão atuando no setor de insumos para garantirem a oferta de carne de qualidade ao longo do tempo. O JBS e MARFRIG estão com dois programas de fomento aos produtores sendo eles, respectivamente, Projetos Agropecuários e Programa Marfrig Angus. O primeiro visa realizar um estudo de viabilidade de cada fazenda e apresentar as alternativas para elevar a produção da fazenda, sendo disponibilizadas linhas de crédito oferecidas pelo próprio frigorífico. O Grupo Marfrig financia sêmen de touros Aberdeen Angus e Red Angus devidamente credenciados, após passarem por estudos de campo e avaliações técnicas por ultrassonografia, avaliações de DEPs e análise de características desejáveis por marcadores moleculares (DNA). No momento da venda dos animais, o valor financiado para a compra das doses de sêmen é descontado do valor total pago ao produtor.

A Argentina sofre com a falta de incentivos governamentais para o setor, resultando em uma indústria pouco concentrada e majoritariamente de pequena escala. O desenvolvimento da indústria da carne argentina requer uma maior concentração, visando desenvolver economias de escala, reduzir custos de produção e criar um padrão de carcaça para o abate (Silva, 2004).

No entanto, a relação produtor-frigorífico está distante de ser classificada como harmoniosa, entre os principais motivos estão a falta de confiança do produtor no método de avaliação de carcaça realizado pelo frigorífico. Em

resposta a isso, o produtor na sua grande maioria não tem o interesse em participar de programas de fidelização da sua produção a somente um frigorífico, pois preferem aproveitar as pequenas variações de preços que ocorrem no mercado e vender a sua produção para o frigorífico que pagar melhor.

### **Varejo**

Atualmente, com o fácil acesso à informação, o consumidor de carne bovina assumiu um perfil mais exigente. Ao comprar o produto, este não está mais preocupado somente com os aspectos sensoriais da carne, mas também com aspectos mais específicos relacionados com a segurança alimentar, saúde humana e sustentabilidade. Percebendo esta mudança nos hábitos de compra do consumidor, as grandes redes de supermercados, os frigoríficos e as associações de produtores resolveram criar alianças visando oferecer um produto com características próprias e identificado por uma marca.

Dentre os países do MERCOSUL, existem vários exemplos de interações, que podem ser coordenadas por associações ou grupo de produtores, por frigoríficos e finalmente por varejistas (supermercados). Na Argentina podemos citar os programas de carne certificada coordenados pelas associações de criadores de Angus e Hereford, no Chile o exemplo de carnes Andes Sur, no Brasil o exemplo de carnes certificadas Pampa e o programa Red Beef Connection.

No caso de alianças coordenadas por frigoríficos, o caso mais notório é o Programa Marfrig de Qualidade. Já as redes de supermercados brasileiras Carrefour, Pão de Açúcar e Zaffari, bem como a rede Jumbo da Argentina, também coordenam programas de qualificação de carne bovina (Braga, 2010). O Uruguai, porém, adotou uma estratégia diferente, não estimulou a criação de marcas por produtores, frigoríficos ou varejistas, para criar uma marca nacional identificada com o aspecto orgânico do produto e com forte repercussão internacional.

Entretanto, o maior desafio para a manutenção destas alianças encontra-se no grau de confiança e comprometimento entre os elos da cadeia. Os acordos raramente celebram contratos que impõem penalidades para seus membros. Neste cenário, existe uma inconstância na oferta do produto, pois a colocação de um melhor preço no mercado resulta em uma migração deste produto para diferentes frigoríficos e varejistas. No caso do núcleo de produtores de novilho precoce de Minas Gerais, que em 1997 estabeleceu relações com o frigorífico Bertin de Ituiutaba/MG, a parceria foi desfeita em 1999 devido a quebra da regularidade da oferta de novilhos. Já o programa Qualidade Total para Carne Bovina Fundepac (Fundo de Desenvolvimento da Pecuária de São Paulo), criado em 1997, findou em 2001 devido a problemas na transação entre o frigorífico e o varejo.

### **Considerações Finais**

Com algumas exceções, o mercado da carne encontra-se atualmente aquecido, o que levou a uma valorização da arroba do boi e conseqüentemente a um aumento no preço final para o consumidor. As perspectivas mercadológicas para este setor são positivas, já que o consumo dos países emergentes, liderados pela China, tende a aumentar. Neste contexto, com consumidores mais exigentes e com maior poder de compra, será inevitável a oferta de produtos de marca identificados com as novas necessidades e demandas, oriundos da formação de novas alianças verticais entre os elos da cadeia produtiva da carne bovina. No entanto, é fundamental que antes de lançar a carne com marca o programa já possua os fornecedores fixos para que a oferta de carne de qualidade seja garantida e a marca não entre em descrédito com o consumidor. Além disso, deve-se compreender que a produção de carnes com marca servirá para atingir determinados nichos que estão dispostos a pagar mais pelo produto carne.

Em relação ao setor de produção existem margens para elevação dos indicadores produtivos nos principais países produtores de carne bovina do

MERCOSUL. Este aumento é fundamental para que o bloco possa fornecer carne sustentável para um maior número de países e consolidar-se como o principal produtor de carne bovina no mundo.

No setor frigorífico a principal constatação é que este elo da cadeia deve estar cada vez mais próximo dos produtores para que a desconfiança e a assimetria de informações entre ambos sejam minimizadas.

### Referências Bibliográficas

BRAGA, M. J. Redes, alianças estratégicas e intercooperação: o caso da cadeia da carne bovina. Supl. Especial. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 39, p. 11-16, 2010.

BARCELLOS, J.O.J ; MARQUES, P. R.; BRANDAO, F.S . Cadena Productiva de La Carne Bovina. **In:** I Seminario Internacional Calidad y Tecnologia de Carnes: Desafios para la Industria Nacional, 2009, Temuco,Chile.. Anais do I Seminário I Seminario Internacional Calidad y Tecnologia de Carnes: Desafios para la Industria Nacional. Temuco,Chile, 2009. p. 65-73.

BARCELLOS, J.O.J.; SUÑE, Y.B.P.; SEMMELMANN, C.E.N. et al. A bovinocultura de corte frente a agriculturização no sul do Brasil. **Conferência apresentada no XI Ciclo de Atualização em Medicina Veterinária – CAMEV – Centro Agroveterinário de Lages – CAV/UDESC – 14 a 16 de abril de 2004.**

DRESDNER, J. La Industria Bovina en Chile: Enfrentando las Desventajas Comparativas. **Ciencia e Investigación Agraria**, v. 31, n. 1, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE CARNES (INAC). **Informe Estadístico**. Año Agrícola. Dirección de Información y Análisis Económicos. Jul. 2009 – Jul. 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE CARNES (INAC). **El sector cárnico en 2009: situación y proyecciones**. In:Terceras Jornadas de Análisis y Planificación Estratégica, San Pedro de Timote, Florida, 8-9 de mayo de 2009.

MINISTERIO DE AGRICULTURA – CHILE. Estrategia de Innovación Agraria para produccion de carne bovina. FUNDACIÓN PARA LA INNOVACIÓN AGRARIA.2003.

- MARQUES, P. R.; BARCELLOS, J.O.J . O Mundo da carne bovina. **Brangus Repórter**, Presidente Prudente, SP, p. 10 - 10, 21 out. 2010.
- NEVES, M. F & CASTRO, L. T. O cenário para a Pecuária de Corte Brasileira. **In:** Anais da II Jornada técnica em sistemas de produção de bovinos de corte e cadeia produtiva. Porto Alegre: UFRGS, p.5-17, 2007.
- PEDRETTI, R. **Trazabilidad de carne bovina en Paraguay. Proyecto de cooperación Técnica.** FAO/TCP/ 2910 Apoyo a la integración agropecuaria en el Mercosur ampliado. Disponível em: [www.elportalganadero.com/online/.../link\\_20092005022602.pdf](http://www.elportalganadero.com/online/.../link_20092005022602.pdf) Acesso em:05/04/2011
- REARTE, D. **Situación Actual y Prospectiva de la Producción de Carne Vacuna.** Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA). 26p. 2010.
- ROCHA, J. C. M. C.; NEVES, M. F.; LOBO R. B. Experiências com Alianças Verticais na Coordenação da Cadeia Produtiva da Carne Bovina no Brasil. <http://www.fearp.usp.br/egna/resumos/rocha.pdf>>.
- ROSEGRANT, M. W. & CLINE, S. A. Global Food Security: Challenges and Policies. **Science Magazine, December,V. 302. nº. 5652, pp. 1917 – 1919.** 2003.
- SILVA, A. R. Sector ganado y carne vacunos Argentino: Caracterización económica y productiva. **Primer Congreso regional de Economistas Agrarios.** 24p. 2004.
- TELLECHEA, F. Análise dos custos de transação no setor industrial da cadeia produtiva de carne bovina no Rio Grande do Sul. **Dissertação (Mestrado em Economia Rural)** - Curso de Pós-graduação em Economia Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.
- ZYLBERSTAJN, D.; NEVES, M. F. **Economia e gestão dos negócios agroalimentares.** São Paulo, Pioneira. 2000.